



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC
CENTRO DE TREINAMENTO E DESENVOLVIMENTO – CETREDE
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA

**DEPRECIAÇÃO FAMILIAR COMO FATOR INTERFERENTE NA
APRENDIZAGEM ESCOLAR**

EMANUELA MATOS DA SILVA

Fortaleza-CE
2007

EMANUELA MATOS DA SILVA

**DEPRECIÇÃO FAMILIAR COMO FATOR INTERFERENTE NA
APRENDIZAGEM ESCOLAR**

Monografia apresentada como pré-requisito de conclusão do curso de Pós-Graduação em Psicopedagogia, do Centro de Treinamento e Desenvolvimento - CETREDE, tendo como orientadora a Prof.^a Gláucia Maria de Menezes Ferreira.

**Universidade Federal do Ceará - UFC
Fortaleza-ce**

“Há homens que lutam um dia, e são bons.
Há outros que lutam um ano, e são melhores.
Há aqueles que lutam muitos anos,
e são muito bons...
e há os que lutam por toda a vida...
estes são os imprescindíveis ”.

Bertold Brecht

RESUMO

As emoções estão presentes quando se busca conhecimento, quando se estabelece relações com objetos físicos, concepções ou outros indivíduos. Afeto e cognição constituem aspectos inseparáveis, presentes em quaisquer atividades, embora em proporções variáveis. A afetividade e a inteligência se estruturam nas ações dos indivíduos. O afeto também implica em expressividade além de ser algo extremamente importante em uma relação familiar e é sobre esta ótica que abordaremos a afetividade que envolve a interação pais – filhos e professor - aluno, influenciando decisivamente no processo de aprendizagem. Nesta pesquisa, procurou-se focar a emoção de maneira ampla, na vida da criança em idade escolar, e a influência desta sobre a aprendizagem. Foi focado, a seguir, a construção da autonomia e a importância da auto-estima na vida de uma pessoa pois considera-se um fato relevante para um aprendizado satisfatório. Outro ponto considerado importante no estudo foi a adequação social e leitura do mundo do indivíduo que por influência cultural acaba tendo que se adequar a sistemas diferentes de ensino, causando alterações no processo ensino-aprendizagem. Auto-estima e afetividade foram apresentados neste trabalho como recursos que dão uma melhor demonstração das possibilidades de realização escolar por parte dos educandos.

Palavras chave: afetividade, relação familiar, auto-estima e aprendizagem.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
Capítulo 01. A FAMÍLIA FORMADORA DE SUJEITOS	8
1.1. O Vínculo Parental na Formação do Indivíduo	10
1.2. O Tratamento Diferencial e Comparação entre Filhos	13
1.3. Problemas de Ordem Emocional na Estrutura Familiar.....	15
Capítulo 02. A CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA.....	22
2.1. O Desenvolvimento da Auto-Estima no Seio Familiar.....	22
2.2. Segurança e Auto-Imagem.....	25
2.3. O Reflexo da Relação Familiar na Escola.....	27
Capítulo 03. ADEQUAÇÃO SOCIAL E LEITURA DE MUNDO	30
3.1. A Diferença Cultural	31
3.2. Diferenças Ambientais e sua Repercussão na Escola	32
Capítulo 04. A INFLUÊNCIA DA AUTO-ESTIMA NO APRENDIZ.....	35
4.1. A Depreciação Parental e suas Conseqüências	36
4.2. A Importância da Auto-Estima na vida do Sujeito	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	44

INTRODUÇÃO

A conquista de uma autonomia, de uma valorização peculiar do indivíduo diante da realidade escolar vem tornando-se vigente nos dias atuais. As grandes mudanças em curso, decorridas da globalização trazem consigo a necessidade de formar cidadãos cada vez mais criativos, comunicativos, autônomos e em constante aprendizado, o que exige novos referenciais de saúde mental e emocional.

A construção de um sujeito consciente, capaz de realizar qualquer tarefa, não deve ser encarada como uma meta impossível de ser realizada, nem deve ser atribuída unicamente à escola, pois com o passar do tempo, a instituição educacional foi assumindo o papel de segundo-lar dos discentes e incorporando na totalidade a função de educar crianças. A substituição de papéis, no que anteriormente era da responsabilidade família, acarretou algumas deficiências pedagógicas, curriculares intrínsecas e afetivas no processo da formação do indivíduo, pois se torna praticamente impossível um profissional da escola assumir a função de pai ou mãe na vida do aluno.

A estrutura familiar tradicional e os ideais de educação familiar fazem-se presentes apenas nos livros de História. Com a chegada da modernidade houve a incorporação de novos valores, o que acabou gerando mais violência, egocentrismo e competitividade na sociedade atual. A depreciação do ser humano torna-se uma constante, até no seio familiar fazendo com que crianças, na mais tenra idade, incorporem um autovalor negativo, carga esta, que levarão consigo por toda vida, caso não haja um trabalho efetivo que produza mudanças.

Estudando o problema, pesquisadores tomando por base o comportamento em sala de aula de algumas crianças que sofrem de depreciação parental, bem como seu desempenho escolar, aplicam questionários de pesquisa sobre auto-estima, afetividade e estresse e auto-suficiência, buscando a compreensão desse fenômeno tão presente nos dias atuais. Procuram assim, promover esclarecimentos que levem a uma maior estabilidade emocional e um vínculo

afetivo mais forte possibilitando a melhoria contínua da qualidade de vida e o desfrute efetivo de todas as conquistas escolares pertencentes ao estudante.

O vínculo família-escola é considerado de suma importância para o aprendiz. Valores incorporados pela família repercutem significativamente na vida escolar da criança ou do adolescentes. O estar bem consigo mesmo, o ser valorizado e o ser motivado diante às dificuldades escolares geram um aprendizado satisfatório. Pais omissos, permissivos, repressores ou agressivos geram crianças com uma maior dificuldade escolar, enquanto pais amorosos produzem indivíduos mais seguros de si mesmos. A crença dos pais na capacidade e no potencial dos filhos tem efeito relevante sobre o comportamento desta criança como aluno e sobre a sua realização escolar. É com o objetivo de mostrar e tentar resgatar a importância do vínculo parental na vida do aprendiz que este estudo está sendo feito.

CAPÍTULO 1. A FAMÍLIA COMO FORMADORA DE SUJEITOS

O homem não é um ser isolado. Ele é um membro ativo e reativo de grupos sociais, e o primeiro desses grupos é a família. Esta é a responsável pela inserção do homem no primeiro contato afetivo e emocional em um grupo parental.

A natureza expressando-se através dos genes que a criança herda dos pais lhes dá uma determinada alocação potencial de diferentes tipos de aptidões que deverão ser valorizadas e incentivadas pela família ao longo do tempo.

A relação que a criança estabelece na interação familiar vai repercutir em todas as áreas e por toda a sua vida. Os pais que mantêm uma relação afetiva positiva com o seu bebê produzirão adultos altruístas e prestativos, enquanto aqueles pais que tem um contato mais retardado com a criança, são mais favoráveis de a produzirem pessoas com emoções negativas e maiores problemas de saúde.

A criança vai crescendo e incorporando o que participa na relação familiar. O modo como os pais a tratam, como se relaciona com os irmãos e com outros membros da família, o que é dado maior ou menor importância dentro desse convívio, vai construir e moldar a personalidade do indivíduo. E muitas de suas ações quando ser crescido, são reflexo do que foi vivido em sua família. Além disso, segundo Salvador Minuchin:

Quando adulto, o ser humano ao se deparar com a sua origem, tem a possibilidade de fazer uma primeira revisão de sua identidade e das relações afetivas que interiorizou. Essas relações podem estar sendo transmitidas de maneira inconsciente para a família atual, e muitas delas podem também compor os entraves na harmonia conjugal e familiar. (MINUCHIN:1982,P.12)

O indivíduo não pode ser ignorado na estrutura familiar, pois ele ao mesmo tempo em que sofre influência, também influencia as pessoas de seu convívio. Seu modo de pensar, agir, falar e andar é um reflexo da aprendizagem familiar adquirida através dos anos.

O homem é produto da aprendizagem familiar. Embora crescido, é produto do seu passado. Ao mesmo tempo, suas interações com as circunstâncias presentes apóiam, qualificam ou modificam a sua experiência vivida no seio da família.

Se a criança nasce em um ambiente que lhe estimula a um bom desenvolvimento intelectual, em pouco tempo vai começar a colher os frutos desses investimentos da família em termos de aptidões intelectuais aprimoradas. No entanto, se há pouco apoio e estímulo para o seu desenvolvimento intelectual, os investimentos que a natureza fez na criança logo serão dissipados.

Qualquer que tenha sido o investimento feito pela natureza na vida de um ser humano, as possibilidades de intervenção ambiental são muitas. Uma das más interpretações mais perniciosas a esse respeito é que se algo é herdável, ele é fixo. Segundo esta visão, se as dificuldades de aprendizagem foram desencadeadas no seio da família ou são diagnosticadas como biológicas, as crianças com dificuldades de leitura, dificuldade em matemática, ou qualquer outra coisa, estão condenadas a continuar assim, e o máximo que a sociedade pode fazer é apenas esperar que elas consigam sobreviver.

Esse pensamento é completamente falso. As aptidões e as deficiências não são fixas: elas podem mudar à medida em que são trabalhadas. A família é a base primeira na formação de um ser e um vínculo parental afetivo é capaz de gerar crianças autônomas em suas aprendizagens embora tenham demonstrado dificuldades nas mesmas durante um período de tempo. A família deve juntar-se à escola, sendo mais presente, acompanhando de perto o rendimento do filho, proporcionando meios de ajudar nas dificuldades enfrentadas pela criança e não somente criticando o mau resultado no final do ano letivo, descarregando sobre a instituição educacional, os problemas que se desencadeiam dentro de casa e repercutem no aprendizado.

Nunca se experimentou para a educação informal nenhuma célula social melhor do que a família. É nela que se forma o caráter. Por melhor que seja uma escola, por mais bem preparados que sejam os seus professores, nunca

vai suprir a carência deixada por uma família ausente. Pai, mãe, avó, avô, tios, quem quer que tenha uma responsabilidade pela educação da criança deve dela participar eficazmente sob a pena de a escola não conseguir atingir o seu objetivo.

A família tem que acompanhar de perto o que se desenvolve dentro da escola. A droga, a violência, a agressividade não vitimam apenas os filhos dos outros. Mas o horror estampado na face dos pais, diante da surpresa de saber que os filhos estão envolvidos em problemas, apenas demonstra a apatia em que vivem em relação a eles.

A família tem o dever de formar de formar o caráter, de educar para os desafios da vida, de perpetuar valores éticos e morais. Caso isso não aconteça, as crianças se tornarão adultos inseguros ou frustrados. Sem a mínima noção de responsabilidade. Os filhos devem se espelhar nos pais, e estes, devem desenvolver a cumplicidade com os filhos.

A família é uma instituição em que as máscaras devem dar lugar à face transparente, sem disfarces. O diálogo é necessário, pois a preparação para a vida, a formação da pessoa, a construção do ser são responsabilidades dessa instituição. É essa a célula mãe da sociedade, em que os conflitos necessários não destroem o ambiente saudável.

A grande conquista da instituição familiar deve ser o equilíbrio, a serenidade e o bom senso. O respeito faz com que os espaços não sejam invadidos e que a liberdade, a aceitação das limitações e a valorização das aptidões ensaie seus primeiros passos dentro de casa.

1.1. O Vínculo Parental na Formação do Indivíduo

Na barriga da mãe, o mundo é sempre seguro, protegido e equilibrado, pois a criança não faz esforço algum e tem aquilo que deseja através da própria mãe como alimentação e segurança e conforto. Ao nascer, o indivíduo passa para um

mundo desconhecido, um espaço novo, sem ter nem mesmo um organismo auto-suficiente e preparado para isso.

Depende, num primeiro momento, de outra pessoa para sobreviver, pois não sabe sequer se alimentar sozinho. Esse novo espaço deverá ser conquistado aos poucos, e a criança buscará um novo equilíbrio, pois ela é um ser único, individualizado, mas que aprenderá as questões básicas de sobrevivência através do vínculo familiar.

A relação parental é de suma importância na formação do sujeito, pois ele acaba adquirindo parte da personalidade dos pais e interiorizando o que ouve das outras pessoas no mundo exterior, acaba incorporando uma auto-imagem negativa através do que outros dizem a seu respeito.

Crianças que são taxadas de “burras”, de “ignorantes”, que escutam constantemente que nunca aprenderão nada e que são comparadas com outras crianças “mais inteligentes”, estarão propensas a ter dificuldades na escola. Enquanto aquelas que são vistas como ser único, que são incentivadas pelos pais e compreendidas mediante ao erro, demonstram uma maior autonomia no ambiente escolar, tendo uma aprendizagem satisfatória.

Segundo Helen Bee, “a criança em idade escolar, começa a ver suas características e as dos outros como relativamente estáveis e, pela primeira vez, desenvolve o senso global de autovalor”. (BEE, 2003, p. 323)

A auto-estima da criança pode ser vista na discrepância entre algo que ela gostaria de ser e algo que ela acha que é. Outro fator que influencia na auto-estima da criança é o sentimento global de apoio que ela experimenta nas pessoas importantes que a cercam, como os amigos e principalmente os pais.

Os filhos acabam herdando uma matriz cujo pano de fundo é a relação familiar: assimilam o mecanismo afetivo dos pais sem nem mesmo serem autores dele. E produzem mais tarde em sua vida e em suas relações afetivas, de modo inconsciente, o que aprenderam e ouviram dentro de casa.

Em relação à aprendizagem escolar, é comum os filhos espelharem os problemas que são adquiridos dentro da família e repercutidos na escola, que os

pais não percebem, pois muitas vezes, não falam ou tomam atitudes por mal, mas por um momento de raiva.

É como se as crianças demonstrassem, com atitudes que soam desagradáveis para os pais, aquilo que estão adquirindo em suas matrizes e que não está se adequando ao seu estar no ambiente escolar e conseqüentemente no mundo.

Se os pais não entenderem esse sinal de alerta, a criança acabará tomando uma postura, com uma auto-imagem negativa que a acompanhará para o resto de sua vida e repercutirá significativamente em seu aprendizado.

É importante analisar os ascendentes familiares de uma criança com dificuldade de aprendizagem, pois podemos compreender o tipo de relacionamento com as figuras parentais que cada um traz interiorizado em si e que é projetado inconscientemente na escola.

As relações familiares correspondem a uma sucessão de conteúdos afetivos e emocionais interiorizados que são incorporados ao ambiente familiar e transmitidos de geração a geração.

A contaminação dessas projeções, para cada geração, pode atingir um limite de saturação e desencadear deficiências de aprendizagem e reações em algum membro da família. Essa pessoa, na maioria das vezes, é conhecedor de seus problemas, mas desconhece os motivos dos mesmos.

Ela é alvo de sucessivas projeções da família, que a impedem de se descobrir e usufruir sua essência. Estabelece-se assim, o comprometimento da saúde e de um aprendizado satisfatório das futuras gerações.

Portanto, uma reorganização dos objetos interiorizados, assim como dos modelos e valores sociais, morais, culturais e espirituais do grupo familiar, é extremamente importante.

Por meio dessa reorganização podemos prevenir projeções negativas, geradoras de distúrbios nos nossos descendentes, e reconhecer as projeções positivas, que propiciam o fortalecimento do ego de cada um e conseqüentemente ajudam num aprendizado satisfatório.

É natural que os pais queiram educar os filhos para uma vida melhor, mas confundem a essência dessa formação. Filhos bem preparados são aqueles que

crecem em famílias bem estruturadas afetivamente, ao lado de pais e mães que lhes possam dar um verdadeiro tesouro: uma matriz familiar equilibrada.

1.2. O Tratamento Diferencial e Comparação entre Filhos

Algumas pessoas acreditam que a rivalidade ou o ciúme é o principal ingrediente dos relacionamentos fraternos. O nascimento de um irmão ou de uma irmã certamente muda radicalmente a vida da criança com mais idade.

Os pais têm menos tempo para a criança mais velha, que pode se sentir negligenciada e zangada, e isso leva a mais confrontos entre ela e os pais e a sentimentos de rivalidade em relação aos mais novo membro da família. Segundo Antônio Manuel Morais:

Certas crianças podem apresentar dificuldades de aprendizagem por ser a mais nova entre os irmãos. As explicações para esta constatação afirmam que os pais costumam despender mais atenção para o primeiro filho do que para o último. (Morais,2006,p.160)

Isto parece ocorrer porque, quando nasce o primeiro filho, existe toda uma expectativa acerca de seu desenvolvimento físico, emocional, intelectual, que é decorrente da falta de experiência dos pais em cuidar de crianças.

Dentro deste raciocínio, os pais têm mais cuidados e procuram cercar o primeiro filho com toda a estimulação possível, para que nada possa interferir negativamente no seu desenvolvimento.

Quando nasce o último filho, esta preocupação não é tanta uma vez que, os pais, já possuem a experiência em lidar com crianças e têm de dividir seu tempo para cuidar dos demais filhos. Neste sentido, é dispensada menos atenção à criança mais nova, o que poderia acarretar uma maior tendência em apresentar dificuldades de aprendizagem.

A criança quando é mais nova, necessita de um tratamento diferencial, assim como uma maior atenção por parte dos pais. O irmão procura, por sua vez, chamar a atenção destes por meio de suas atitudes. Em alguns casos, a criança

mais velha tende a imitar a mais nova, o que causa uma preocupação nos seus responsáveis por “deduzirem” que a criança está “regredindo”.

Os pais que não sabem lidar com esse tipo de situação demonstram, algumas vezes, comportamentos agressivos com os filhos, o que os faz sentir ainda mais injustiçados, uma vez que eles só queriam atenção.

A criança em idade escolar tende a recorrer mais aos pais do que aos irmãos em busca de afeto; além disso, é mais provável que busquem companheirismo e intimidade nos amigos que nos irmãos. Assim como todo ser humano, a criança deseja ser elogiada e ter um trabalho escolar reconhecido, mas precisa do apoio e da segurança dos pais para tal.

Os problemas de aprendizagem começam a surgir muitas vezes quando a criança não tem o estímulo adequado dos pais, ou quando estes comparam o seu rendimento escolar com o de seus irmãos ou de outros membros da família.

É necessário entender que cada ser tem o seu tempo e modo de aprender, que possui habilidades específicas, que é único e por isso, indiscutivelmente diferente do outro, mesmo tendo uma proximidade parental.

Indivíduos da mesma família podem ser excelentes matemáticos, enquanto outros podem ser exímios artistas plásticos. E nem uma habilidade deveria ser vista como inferior à outra. Infelizmente, o sistema tradicional de Ensino, que valorizava o QI, sendo este medido principalmente pelas habilidades lecto-escrita e lógico-matemática vem deixando seu rastro ao longo do tempo.

Apesar da época ser outra e de existir diversas linhas pedagógicas a serem seguidas pelas escolas atuais, além dos profissionais qualificados que interagem mutuamente no universo escolar, crianças que aprendem logo a ler e a escrever, e que desenvolvem o raciocínio lógico-matemático com uma maior precisão, ainda são tidas como mais inteligentes que outras.

Os pais, por sua vez, comprovam as habilidades do filho através das suas notas. Criam seres inseguros, pois as crianças sabem que o boletim, em muitos casos, vale mais para seus pais que seu talento natural. Estes vêem o dom do filho como um passatempo e não como uma profissão que poderá ser seguida, produzindo um ser bem-sucedido por toda uma vida.

Existem ainda os pais que comparam os filhos mediante ao rendimento escolar destes e ainda taxam um de mais inteligente que outro, o que acaba produzindo uma criança que se sente menos capaz de alcançar um aprendizado escolar satisfatório e conseqüentemente, um adulto incapacitado de ser agente de seu meio, na construção de um brilhante futuro.

1.3. Problemas de Ordem Emocional na Estrutura Familiar

Uma das principais manifestações de problemas emocionais no seio familiar é a manifestação dos desencontros afetivos, ou seja, relações superficiais entre pais e destes com os filhos.

A convivência íntima de um casal muitas vezes gera inseguranças e incertezas em relação aos verdadeiros sentimentos dessa união. Mas muitas fantasias e idealizações são elaboradas a partir do desconhecimento do parceiro e por vezes transformam o terreno dos sentimentos em um vasto pântano de areia movediça.

O afeto é toda expressão visível, passível de ser observada, como um piscar de olhos, uma carícia, um sorriso ou um elogio. A emoção é a resposta fisiológica ao afeto como ficar corado, trêmulo ou suando frio. Já o sentimento é impossível de ser observado, pois é privativo de quem o sente, como o amor, o ódio ou a tristeza.

Os três fazem parte de uma espécie de equação, em que cada elemento depende do outro para se obter um resultado. O afeto sempre gera uma emoção, e ambos geram um sentimento. O entendimento entre esses três fatores e o equilíbrio dessa equação serão responsáveis tanto pela satisfação individual como pela satisfação familiar.

No momento em que duas pessoas se casam, acontece o encontro de duas histórias pessoais diferenciadas. Apesar de ambos buscarem o caminho único do amor, desconhecem que naquela união há duas maneiras diferentes de se relacionar no campo afetivo.

Pode ser que para uma mulher, de acordo com a sua bagagem afetiva, sejam necessários muitos abraços e beijos para ela realmente se sentir amada. É possível, no entanto, que seu marido também em sintonia com a própria história pessoal, considere esta demonstração corporal insignificante. Simplesmente dizer “eu te amo” uma vez por ano seria o suficiente para expressar o seu amor.

Cada pessoa entende o amor de um jeito. Uma acredita que as pessoas realmente se amam se houver uma comprovação nas carícias; outra, se houver uma explicitação verbal; uma terceira achará que não há prova maior de amor que trabalhar duro para sustentar a família; e assim por diante.

Seja da maneira que for, cada um responderá com sua própria bagagem, com sua matriz, sem perceber as nuances e diferenças do outro. Assim, podem até suportar a diferença de linguagem durante os primeiros anos de casamento, mas tal situação não se sustentará por muito tempo.

Portanto, na união entre duas pessoas deve estar claramente expressa a noção que cada um tem do sentimento. Caso contrário, o casal viverá conflitos sucessivos porque o jeito de amar de um não é o mesmo do outro. Um jeito não satisfaz o outro.

No casamento, poder despertar seus sentimentos, expressá-los e trocá-los com o outro é a confirmação de que a pessoa sabe amar e ser amada. O verdadeiro privilégio, portanto, não é apenas sentir o amor, mas compartilhá-lo como parceiro e, conseqüentemente, transferi-lo para os filhos. Principalmente porque em muitas famílias impera um distanciamento afetivo invisível, principalmente na relação entre pais e filhos.

De um lado pais demonstram aos filhos seus sentimentos com carinhos, beijos e abraços, mas, de outro, impedem a reciprocidade. Negam aos filhos, não o retorno das carícias, mas a revelação de suas essências, porque ditam normas de relacionamento segundo o que aprenderam em suas experiências individuais. Cabe às crianças somente ouvir, cumprir e aprender.

Geralmente filhos gerados em famílias que privilegiam inconscientemente tal comportamento não se atrevem a comentar suas necessidades com os pais. Não

participam da comunicação familiar e por isso não têm liberdade para analisar e criticar a falta de interação afetiva.

Ultimamente em nossa sociedade, um problema vem se agravando aos poucos, que é a exigência de um papel social do indivíduo em que não cabe a sua estrutura afetivo-emocional. Cobram-se a capacidade e o desempenho externos, independente de quem seja a pessoa. De certa forma, muitos pais reproduzem este modelo social em casa e se esquecem do fortalecimento pessoal do filho. As famílias acabam por confundir afeto com a imagem social.

Mas o meio social não corresponde integralmente ao que a pessoa é, ou seja, ao que ela sente, quer ou acha. A família, sim, deve ser terra fértil para o indivíduo desenvolver e fortificar o seu núcleo e seu espírito e encontrar o sentido de sua própria existência. Só assim, podemos nos elevar, estar atentos e abertos para a vida.

Se o casal tem sua relação afetiva bem resolvida, e procura entender o que cada um dos parceiros está trazendo de sua bagagem individual, vai poder interagir realmente com os outros membros da família. Os filhos, ao nascer, encontrarão papéis bem definidos e uma estrutura afetivo-emocional saudável para poder alimentar o vínculo familiar. Caso contrário, ficarão em dúvida sobre com quem se identificar e em quem se apoiar.

As estruturas afetivo-emocionais originais da família vão intervir no desenvolvimento das crianças. Caso o casal não produza um relacionamento saudável e não saiba passar isso aos filhos, acabará por provocar na criança toda uma indefinição dos pais, que marcará para sempre o seu jeito de amar e que, além disso, poderá criar dificuldades de aprendizagem ou gerar desvios na criança.

Indivíduos com dificuldades de aprendizagem evidenciam freqüentemente sinais de instabilidade emocional e de dependência dos pais, a que não é alheia a uma reduzida tolerância à frustração. A sua conduta social surge com dificuldades de ajustamento à realidade e com inúmeros problemas de comunicação.

Inseguras e instáveis afetivamente, podem por vezes manifestar ansiedade, agressividade reacional, tensão, regressões, oposições, ruminações emocionais,

narcisismos, negativismos, etc. Sentimentos de exclusão, de rejeição, de perseguição, de abandono, de hostilidade e de insucesso são também detectáveis nessas crianças.

Há uma relação muito próxima entre as dificuldades para ler e escrever e fatores emocionais adquiridos dentro de casa. Algumas linhas teóricas defendem a idéia de que, determinados transtornos emocionais, que as crianças com problemas de aprendizagem apresentam, são a causa do fracasso escolar, enquanto que outras linhas defendem que a problemática emocional é consequência do fracasso escolar.

Alguns problemas emocionais que contribuem para as deficiências de aprendizagem são a agressividade da criança dirigida à figura paterna e ao professor enquanto autoridades, os condicionamentos negativos para a leitura – quando esta é apresentada de forma desagradável e pouco motivadora e a desatenção e inquietude frente à situação escolar geradora de tensão.

Existem ainda possíveis causas dos transtornos emocionais que podem preceder dificuldades para aprender. São eles:

1) Os pais que super-protégem os filhos criando uma relação de dependência dela com adultos, o que transforma a aprendizagem numa tarefa impossível de ser realizada sozinha.

2) O processo de aprendizagem exige padrões fixos e sistemáticos de comportamento para que as tarefas escolares sejam cumpridas. Crianças com dificuldades em aceitar limites poderão ter problemas para se adaptarem ao sistema educacional que exige determinadas regras.

3) Exigências sociais (dos pais e da escola) para que a criança realize as funções simbólicas de ler e escrever antes que tenha condições físicas, emocionais e cognitivas para fazê-lo. Essas exigências podem desenvolver sentimentos de fracasso e ressentimentos que impedem o progresso normal de aprendizagem.

Está demonstrado também que tanto a angústia, como a depressão, diminuem a eficiência da aprendizagem. A perda de um ente querido, ou mesmo de um animal de estimação, podem ocasionar estados depressivos que impedem a

criança de se relacionar com as pessoas da família assim como se envolver no sistema educacional.

Da mesma forma, crianças, com um nível muito alto de ansiedade em relação ao processo de ensino, podem apresentar dificuldades para aprender, pois seu estado de permanente tensão não lhes permite, prestar atenção nem participar das aulas.

A repetição crônica do insucesso e o seu efeito em termos de expectativas parentais levam à criação de resistências, fobias e defesas perante as tarefas educacionais. Nenhum adulto suporta uma atmosfera de permanente fracasso, muito menos uma criança.

Muitas crianças com dificuldade de aprendizagem, face aos resultados escolares, vão-se convencendo que não aprendem por mais que tentem, daí o perigo dos pais em negligenciar a implicação das deficiências de aprendizagem no desenvolvimento da personalidade global da criança.

Efetivamente nenhuma criança com distúrbios de aprendizagem é imune a um envolvimento inadequado e abusivo que afeta a toda a família. Na insegurança, na desconfiança e na humilhação nada se aprende.

O encorajamento, a estimulação da iniciativa, o reforço positivo por parte dos parentes são os dispositivos mais perspicazes de mudança do comportamento das crianças.

A instabilidade emocional é uma das características que tem sido mais referida nas crianças com dificuldades de aprendizagem. Hipersensíveis e vulneráveis essas crianças tendem a evidenciar rápidas e imprevisíveis mudanças de humor e de temperamento que se refletem em problemas perceptivos na escola.

Impulsividade e perseveração são também freqüentes e usuais. Falta de controle, de discernimento, de percepção social, de cooperação, de aceitação e de prudência são comuns nessas crianças, pois raramente antecipam e antevêm as conseqüências dos seus comportamentos.

Ávidas de gratificação imediata, de atenção constante e sem plano de conduta, essas crianças experimentam certos problemas de organização do espaço e do tempo. Raramente pensam antes de agir, daí a maior freqüência de fracassos, na

medida em que suas dificuldades de inibição as levam a experimentar maior número de situações sociais conflituosas.

Esse quadro pode complicar-se quando se associam distorções, irregularidades e descontinuidades nas relações mãe-filho, essencialmente no período crítico do desenvolvimento da linguagem.

Em vários casos, quando a mãe abandona, se desinteressa, sofre depressão, é agressiva ou não se comunica com o filho, naturalmente tende a agravar o problema emocional da criança.

Sem uma atmosfera afetiva, lúdica e relacional, a interação e a comunicação não se desenrolam favoravelmente. Não adiantará resolver os problemas de aprendizagem se os problemas de relação familiar não forem superados.

A oposição entre escola e atividade lúdica, em nosso sistema educacional, pode ser outro fator que impede que a criança se desenvolva educacionalmente. A diminuição da liberdade e da atividade lúdica, no momento em que a criança ingressa na escola (mais precisamente por volta da 1ª. Série) pode ser sentida como uma forma de repressão e ter, como conseqüência, a oposição da criança para se integrar no ambiente escolar.

As crianças com dificuldades de aprendizagem não podem continuar mergulhadas em envolvimento de ameaça, de estresse e de humilhação. Antes de tudo, a criança com problemas de aprendizagem precisa ser respeitada na sua totalidade como pessoa, o que não é, infelizmente, freqüente nos lares e nas escolas.

Sem uma pessoa simpática, confiante, amiga e conhecedora que ensine e acredite na criança, esta não vence o ciclo vicioso entre as dificuldades de aprendizagem e o desajustamento emocional, daí a importância das expectativas e do reforço positivo e de outros processos de modificação do comportamento no seio familiar.

As crianças emocional e socialmente desajustadas tendem a obter fracos resultados escolares, na medida em que os distúrbios emocionais desintegram o comportamento e, conseqüentemente, o potencial de aprendizagem.

Para melhorar os produtos da aprendizagem, aquilo que no fundo conta para os pais e para a escola, é necessário que se resolva o caos interno da criança, gerado no seio familiar, onde os desequilíbrios emocionais assumem papel de relevante importância nos processos psicológicos da aprendizagem.

É preciso transformar a criança com dificuldades de aprendizagem num membro válido da sociedade, baseando sua aprendizagem de sucesso em sucesso, centrando a mudança de comportamento pelo enriquecimento das suas áreas fortes, e não pelo confronto desencorajador com as suas áreas fracas.

CAPÍTULO 2. CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA

A criança para construir sua autonomia através da aprendizagem precisa usar as relações afetivas como elementos básicos e os papéis da família e da escola nesse empreendimento são de suma importância, uma vez que devem trabalhar juntas para que as dificuldades de aprendizagem sejam diminuídas.

Os professores devem motivar seus alunos a aprender, devem utilizar meios que tornem suas aulas interessantes. Os alunos devem entender a importância de se estudar algo e entender a simples importância de se ir à escola. A família tem sua participação na medida em que cria um ambiente favorável para o aprendizado do aluno, acompanhando o seu desenvolvimento escolar e criando uma relação de empatia para que ele obtenha um resultado satisfatório.

Segundo Vitor da Fonseca “A noção de motivação está intimamente ligada à noção de aprendizagem. A estimulação e a atividade em si, não garantem que a aprendizagem aconteça”(Fonseca, 1984, p.131). Para aprender é necessário sentir-me motivado e apreender a sabedoria, tomar posse da mesma, para que um determinado conteúdo, não seja visto como tabu dentro das Instituições de ensino.

A ocorrência da aprendizagem depende não só do estímulo apropriado, como também de alguma condição interior própria do organismo, como a sede ou a curiosidade do saber coisas novas.

2.1. Desenvolvimento da Auto-Estima no Seio Familiar

Baixa auto-estima generalizada, descrença em superar problemas, relacionamento difícil com integrantes da turma e insegurança quanto ao futuro.

Que alunos estão caracterizados nessa descrição?

Não é uma coincidência, mas é a realidade encontrada por diversos professores, em diferentes países, em diferentes universidades e que são objeto

de discussão e reflexão em sua práxis pedagógica. E “ser reflexivo é muito mais do que descrever o que foi feito em sala de aula” . O professor reflexivo é aquele que pensa no que faz, que é comprometido com a profissão e se sente autônomo, capaz de tomar decisões e ter opiniões.

O professor deve se tornar o mais próximo possível de seu aluno, pois em diversas ocasiões os problemas de aprendizagem se desenvolvem quando a criança é ainda bem pequena e estes, são enraizados no seio familiar.

Problemas com auto-estima podem se desenvolver com crianças na faixa etária de cinco anos de idade. Crianças que desenvolvem a enurese estão sinalizando para os pais que precisam de ajuda. As crianças que desenvolvem tal problema são mais tímidas, imaturas e inseguras que as outras. O nível de auto-estima da criança está intimamente relacionada aos problemas que elas tem com os pais.

Muitos pais superprotegem os filhos, alguns chegam a mentir ou enganar as crianças para não envolvê-las em problemas pessoais. A criança é sensível a ponto de sentir quando algo não vai bem dentro de casa e começa a apresentar sintomas que precisam ser traduzidos pelos seus responsáveis.

A auto-estima da criança começa a ser desenvolvida ainda no berço. A criança precisa se sentir aceita, se sentir como parte integrante da família, com uma importância relevante para esse seio familiar. Tudo isso deve ser utilizado para prevenir a enurese, a insegurança, a dependência das crianças aos pais.

Uma vez que a criança apresenta o problema, os pais precisam ter ainda mais paciência com ela. A enurese traz um prejuízo emocional muito grande. As crianças se sentem incompetentes e culpadas por onerar o trabalho da mãe.

A enurese pode se desenvolver em crianças de qualquer condição social. As crianças de uma baixa condição financeira, geralmente dividem o ambiente em que dormem e os pais podem acusá-la do desconforto trazido aos demais membros da família.

As crianças de classe mais alta também saem perdendo com o problema. Elas não querem dormir na casa de amigos ou ir à colônia de férias, por terem

medo de não conseguir se controlar. Quando a criança sofre com a enurese está simplesmente sinalizando que precisa de ajuda.

Problemas de auto-estima na infância, como a enurese, pode causar uma predisposição maior para a depressão e em relação aos homens, para a ejaculação precoce. Outros problemas que se desenvolvem no seio familiar aparecem na adolescência, o principal deles é a sensação de ser incapaz de realizar determinada tarefa, o sentir-se “burro” e ser ridicularizado pelos demais colegas.

Muitos jovens preferem a exclusão, os lugares mais escondidos da sala de aula e os mais reservados, no recreio. O medo de ser questionado ou simplesmente observado soa como um alarme, trazendo mal estar contínuo para o estudante.

A escola deve trabalhar juntamente com a família nesse aspecto. Os pais tem papel fundamental na vida dos filhos e devem ajudá-los a recuperar a auto-estima. Humilhações e cobranças, não importa que idade tenha a criança, só irão agravar esse tipo de problema.

Qualquer problema que surja no ambiente escolar, que resulte em um possível fracasso em relação à aprendizagem, deve ser encarado de forma não repressora, mas motivadora, levando o aluno a sentir-se capaz de realizar determinada tarefa. Uma criança com problemas familiares poderá vir apresentar distúrbios de aprendizagem.

Quando uma criança apresenta dificuldades para aprender, é comum que o professor, ou os pais, esperem por um “despertar” ou que a criança, mais cedo ou mais tarde, dê um “salto” e passe a acompanhar a classe.

No entanto, este momento mágico que se caracteriza pela superação das dificuldades partindo da própria criança, raramente acontece. O que, mais comumente, se acaba verificando é a automatização e o aumento das dificuldades, à medida que o programa escolar se vai tornando mais complexo.

Este fato vai ocasionando um fracasso escolar que influi diretamente na auto-imagem da criança. Se esta, apesar de todas as tentativas que realiza, não

consegue superar as dificuldades e desenvolver um ritmo que lhe permitirá acompanhar a classe, acaba se julgando incompetente, incapaz e desastrada.

A essa situação somam-se as críticas, os comentários depreciativos e as comparações feitas por pais e irmãos. Sentindo-se perdida e sem apoio para superar as dificuldades, a criança pode recusar-se a voltar ao ambiente escolar, o qual torna-se aversivo, pois é na escola que a criança se depara com os obstáculos e com as dificuldades que não consegue superar.

Para se evitar esta situação, recomenda-se que a partir do momento em que a criança comece a sentir dificuldades para acompanhar a classe, realize-se um acompanhamento psicopedagógico, o qual deve avaliar todas as habilidades (perceptivas, motoras, lingüísticas, cognitivas) envolvidas nos processos de leitura e da escrita; os fatores emocionais e os próprios atos de ler e escrever.

É com base em dados clínicos que se podem eleger as áreas mais deficitárias e, conseqüentemente, recomendar-se os procedimentos terapêuticos necessários para a superação dos distúrbios de aprendizagem, valendo-se sempre da motivação familiar, que é um fator de suma importância para a superação das dificuldades sofridas pelo aluno.

2.2. Segurança e Auto-Imagem

Ana Cristina Arcoverde afirma que:

Com base no pressuposto de que o Estatuto da Criança e do Adolescente tem um caráter psicossocial e educativo, na medida em que se baseia nas necessidades e características das crianças e adolescentes como pessoa em formação e desenvolvimento, considerando que a adolescência é um período de transição do estado infantil para o estado adulto, onde acontecem não só a necessidade de ter comportamentos, de transgredir normas, de discernir valores familiares e de grupos de amigos, como também o testar seus limites e se afirmar perante os adultos, são características marcantes. (Arcoverde, 2002. p.171)

Entre as diversas características apresentadas nesse momento evolutivo, pode-se observar a existência da busca da identidade e a construção da auto-imagem como fator decisivo na formação da personalidade e na realização de planos ou ideais de vida que poderão ser facilitados, dificultados ou mesmo

impedidos de se estabelecerem de acordo com as condições oferecidas pelo contexto sociocultural em que o adolescente está inserido. Nesse sentido, pode-se afirmar que o indivíduo utiliza-se de dois processos cognitivos associados: auto-imagem e auto-estima.

As instituições de ensino são, além de organizações formais, sistemas sociais informais, com código de comportamento bem definidos, que proporcionam o ambiente perfeito para a aprendizagem de novas respostas sociais.

A aquisição de valores morais e a socialização necessitam da mediação do afeto para serem instaladas no indivíduo, ou seja, sem afetividade mediando as relações entre as pessoas, o processo de aprendizagem fica seriamente comprometido.

A vida afetiva é parte integrante da vida psíquica. Nossas expressões não podem ser compreendidas se não considerarmos o afeto que a acompanha. As emoções e os sentimentos são como alimentos de nosso psiquismo e estão presentes em todas as manifestações de nossa vida.

Como em muitas situações da vida, são os afetos, as emoções que orientam o nosso comportamento. Para o movimento cognitivista, "afeto e comportamento são determinados pelo modo como o indivíduo estrutura o mundo".

O autoconceito é um produto da experiência do indivíduo e pode ser entendido em termos de como ele define a si mesmo. Para tanto, o indivíduo utiliza-se de dois processos cognitivos associados : a auto-imagem e a auto-estima.

A auto-imagem, refere-se à forma avaliativa como o indivíduo apresenta-se a si mesmo, quase sempre em valores dicotômicos (bonito/ feio, saudável/ doente, simpático/ antipático, extrovertido/ tímido, satisfeito/ insatisfeito...) e a auto-estima é indicadora do sentimento.

No processo de crescimento e no processo de vivenciar esse crescimento, desenvolvemos um autoconceito a respeito de nós mesmos em que as cognições, os afetos, influenciam na forma como o indivíduo interpreta e organiza a

percepção de suas experiências. E essa interpretação, implicaria numa avaliação pessoal e dos sentimentos em relação a essa avaliação.

Partilhamos da concepção de que o afeto, como um fator preponderante no processo evolutivo, emergindo de sentimentos, cognições e comportamentos e mediando o desenvolvimento da auto-estima e da auto-imagem, permite ao indivíduo uma avaliação sobre o que ele pensa de si, de seu desempenho e das situações interpessoais em que vive, incluindo a família, a escola, os amigos, etc. Enfim, o ser humano dispendo de uma boa base afetiva ela se propaga em outras áreas da vida.

Por outro lado, havendo um comportamento afetivo, provavelmente, haverá um prejuízo na auto-estima e conseqüentemente na auto-imagem do indivíduo.

2.3. O Reflexo da Relação Familiar na Escola

A controvérsia sobre a definição da criança com dificuldade de aprendizagem não é um problema recente – o caos semântico em torno dessa problemática afeta a tomada de decisões sobre a reforma do sistema de ensino e, em última análise, afeta o futuro de seres humanos, e compromete o desenvolvimento total de uma sociedade.

A negligência que se tem por parte de determinadas famílias sobre essa matéria é angustiante, e no fundo dá corpo à perspectiva passiva e pessimista que se tem instalado cronicamente no seio do sistema de ensino, onde tardam soluções integradas.

Quando se tem um comportamento inadequado em sala de aula, muitas vezes, pais e professores, estão se referindo à criança agressiva, bem como à criança “sem limites”, isto é, àquela que perturba o andamento da aula. Quase nunca estão se referindo àquela tímida ou inibida ao extremo que deveria ser objeto de tratamento psicológico ou psicopedagógico.

Uma criança sem limites não respeita nem o professor nem o ambiente familiar e escolar em que vive. Ela tem dificuldade em perceber o espaço do outro

e se harmonizar com a classe. Ela se julga com todos os direitos e espera que todos reconheçam esta sua necessidade. Quando isto não ocorre, muitas vezes se mostra agressiva. Sua agressividade é incessante. Questiona o que o professor fala e quer mostrar que ninguém manda nela.

Alguns jovens que foram educados sem limites terão probabilidade de se tornarem contestadores, não exatamente no sentido criativo do termo, mas significando que irão se colocar contra tudo e todos que representem uma autoridade.

Uma criança criada sem limites muitas vezes foge das responsabilidades como arrumar o seu quarto, concluir suas tarefas, pensar, ultrapassar suas dificuldades.

Os maiores responsáveis por isso são os pais ou os educadores mais próximos da criança, que tentam superprotegê-la e poupá-la das dificuldades da vida. Essa educação permissiva faz com que eles executem e pensem pelo filho para não sobrecarregá-lo. Ele faz o que quer, e, quando lhe dão alguma ordem, ele se recusa a obedecer e eles nada fazem. Acabam com isso, tornando-o uma pessoa fraca, sem forças para lutar, desmotivada e conseqüentemente com baixa auto-estima, pois não acredita em suas potencialidades.

Eles se tornam muitas vezes dependentes e imaturos, não estando preparados para lidar com frustrações.

A criança sem limites tem dificuldade na internalização das responsabilidades, pois nada é cobrado dela. Normalmente vai mal na escola, pois a aprendizagem implica em responsabilidades, que se manifestam principalmente ao executar as tarefas que lhe competem. Muitas crianças não se “envolvem” com o ensino. Elas acham que os pais têm que lembrar dos deveres escolares (brincar é mais agradável para elas), do material que elas devem levar para a aula, de verificar se existem bilhetes ou aviso dos professores, de “estudar” para as provas. Muitas vezes, as crianças “culpam” seus pais quando vão mal nas provas, porque “eles” não se lembraram do dia e não estudaram com elas.

Assim, assumir algumas responsabilidades também envolve uma maior confiança, domínio de si e principalmente uma maior responsabilidade de análise

intelectual e poder de decisão e dessa forma a criança que não assume pode ficar à margem do ensino, esperando que alguém faça as coisas por ela, pode não se interessar em raciocinar, pois não sente que o ensino seja algo importante para ela, mas uma obrigação que os pais lhe impõem.

Muitas dessas crianças não estão prontas para encarar uma aprendizagem formal. Apresentam uma desorganização interna que refletirá diretamente na aprendizagem escolar. Frente a algumas questões, evitam o pensar e a sua primeira resposta é dizer que não sabem.

Os pais se preocupam muito com o rendimento escolar do filho e, quando este não corresponde às suas expectativas, vão em busca de explicações. Quase sempre culpam a escola e os professores. Será que percebem sozinhos qual foi a sua participação nesse não aprender? Não se trata de fazer tratamento nas crianças mas sim de fornecer orientação aos pais quanto a forma adequada de lidar com os seus filhos.

Os professores, por seu lado, têm um papel importante na medida em que auxiliam seu aluno a crescer, dando-lhe pequenas responsabilidades, ensinando-o a lidar com as regras e não se deixando “envolver” nas pequenas artimanhas que apresenta para fugir do que é esperado dele.

A medida em que a família estabelece limites, ela ajuda a criança a saber o que é e o que não é permitido à ela. Isto lhe dá maior proteção e segurança. Além de auxiliar no controle da ansiedade e no tolerar de algumas situações. Frustrações são inevitáveis na vida e é necessário que o jovem aprenda a esperar o momento oportuno para atingir um objetivo. Ele tem que aprender que não pode ter tudo na hora e do jeito que quer, pois caso contrário, terá sérias dificuldades escolares e em sua vida pessoal.

CAPÍTULO 3. ADEQUAÇÃO SOCIAL E LEITURA DO MUNDO

Na civilização moderna, todas as atividades práticas se tornaram tão complexas, e as ciências se mesclaram de tal modo à vida, que toda atividade prática tende a criar uma escola para os próprios dirigentes e especialistas e, conseqüentemente, tende a criar um grupo de intelectuais especialistas de nível mais elevado, que ensinam nessas escolas.

Ao lado do tipo de escola que poderíamos chamar de “humanista” destinada a desenvolver em cada indivíduo humano a cultura geral ainda indiferenciada, o poder fundamental de pensar e de saber se orientar na vida foi-se criando paulatinamente todo um sistema de escolas particulares de diferente nível, para inteiros ramos profissionais ou para profissões já especializadas e indicadas mediante uma precisa individualização. Segundo Maria Lúcia Aranha:

Pode-se dizer, que a crise escolar que hoje se agudiza, liga-se precisamente ao fato de que este processo de diferenciação e particularização ocorre de um modo caótico, sem princípios claros e precisos, sem um plano bem estudado e conscientemente fixado, a crise do programa e da organização escolar, é em grande parte um aspecto e uma complexificação de uma crise orgânica mais ampla e geral. (Aranha, 1996. p.23)

O sujeito teve, assim, que se adequar ao sistema de ensino e tentar aplicar de modo prático essa aprendizagem em sua vida, o que, muitas vezes, não dá de modo satisfatório, pois ele internaliza uma crise que não o permite desfrutar de certos conhecimentos aprendidos na escola em sua roda de amigos, em sua casa e com sua família. Grande parte dos educandos não entende o porquê de estudar determinada matéria e nem como pode aplicar o conhecimento em seu dia-a-dia.

3.1. A Diferença Cultural

Estamos tão acostumados com a escola, que às vezes até parece estranho saber que essa instituição não existiu sempre, em todas as sociedades. A sociedade tribal, por exemplo é essencialmente mítica e de tradição oral. Nessas comunidades as crianças aprendem imitando os gestos dos adultos nas atividades diárias e nas cerimônias dos rituais. Nas tribos nômades, ou que já se sedentarizaram, ocupando-se com a caça, a pesca, o pastoreio ou a agricultura, as crianças aprendem para a vida e por meio da vida, sem que alguém esteja especialmente destinado para a tarefa de ensinar.

A cuidadosa adaptação aos usos e valores da tribo geralmente é levada a efeito sem castigos. Os adultos demonstram muita paciência com os enganos infantis e respeitam seu ritmo próprio. Por meio dessa educação difusa, de que todos participam, a criança toma conhecimento dos mitos dos ancestrais, desenvolve aguda percepção do mundo e aperfeiçoa suas habilidades.

Nas civilizações orientais não há propostas propriamente pedagógicas. As preocupações com a educação permeiam os livros sagrados, que oferecem regras ideais de conduta e orientação para o enquadramento das pessoas no rígido sistema religioso e moral. As sociedades tradicionalistas, por serem conservadoras, pretendem perpetuar os costumes e evitar a transgressão das normas. Daí o caráter religioso dos compromissos impostos e nunca discutidos.

Enquanto nas sociedades tribais o saber é difuso, acessível a qualquer membro, nas civilizações orientais, aos se criarem segmentos privilegiados, a população composta por lavradores, comerciantes e artesãos, não tem direitos políticos nem acesso ao saber da classe dominante.

A princípio o conhecimento da escrita é bastante restrito, devido ao seu caráter sagrado e esotérico. Com o tempo aumenta o número dos que procuram instrução, embora apenas os filhos dos privilegiados conseguissem os graus superiores.

Tem início assim, o dualismo escolar, que destina um tipo de ensino para o povo e outro para os filhos dos funcionários.

O desenvolvimento da ciência e da tecnologia foram fazendo com que o homem moderno criticasse as práticas dos ancestrais e desse extrema valorização à razão. De fato, a valorização da ciência e da técnica trouxe a ilusão de que fora delas não haveria saber ou poder possíveis. Da mesma forma, o capitalismo desenfreado tudo submeteu aos valores do lucro e da competição. Daí resultaram o cientificismo, a tecnocracia, a sobreposição do mundo aos negócios à vida afetiva.

Por isso o homem contemporâneo se acha mal consigo mesmo. Dono de um saber que vem da ciência e de um imenso poder sobre a natureza, na verdade lhe escapa o sentido de sua própria existência. Sabe muito bem como fazer, mas nem sempre para quê e por quê fazer.

3.2. As Diferenças Ambientais e Sua Repercussão na Escola

O êxodo rural, o crescimento desordenado das cidades, a chamada vida urbana trazem à discussão um novo conjunto de problemas. É próprio do olhar político voltar-se para a maioria. E a maioria eleitora se encontra nas grandes cidades. Os problemas de trânsito, de moradia, de violência, de falta de vagas nas escolas são mais acirrados nas grandes aglomerações urbanas, mas não são exclusivos. Quem mora nas zonas rurais, se por um lado não convive com a violência urbana e o medo, nem com o trânsito desesperador, por outro lado, enfrenta outras dificuldades.

O êxodo rural se deve à ausência de recursos no campo. Desde a falta de soro contra picada de cobra até de métodos adequados de plantio e colheita. E todo tipo de carência representa obstáculo ao desenvolvimento das zonas rurais. Os fatores geográficos terminam por acentuar os problemas: montanhas, rios caudalosos, sertão inclemente não podem ser transpostos facilmente e, muitas vezes, separam as comunidades rurais umas das outras e da escola. Dificuldade que o governo, com todos os instrumentos de que dispõe, não conseguiu ainda solucionar devidamente.

A distância cria o isolamento. O isolamento e as dificuldades materiais tornam deficiente o ensino em grande número de comunidades. As dificuldades atingem a formação do professor, que fica impossibilitado de se atualizar e despreparado pra utilizar certos recursos didáticos em sala de aula, além de ter uma remuneração muito aquém do ideal.

Não se pode admitir que o ensino seja administrado por pessoas despreparadas e mal pagas. O despreparo e as carências do professor, por maior que seja sua boa vontade, comprometem indiscutivelmente o processo educacional na medida em que muitos desconhecem suas prerrogativas de cidadãos, perpetuando o atraso social.

Numa sociedade em transformação como a nossa diminui cada vez mais a força da educação espontânea e cresce a da educação intencional, no âmbito urbano ou rural. Os pais, obrigados pela conjuntura, acabam por deixar para a escola a adaptação social do filho.

Até as noções básicas de higiene e sexualidade ficam, por exemplo, relegadas à escola. No meio rural, a necessidade premente da sobrevivência diária faz com que muitos pais demonstrem resistência em matricular os filhos, pois precisam deles na roça, ou na oficina, ou em outros espaços de trabalho onde ajudem no sustento da família. A escola, para esses, é um capricho desnecessário, pois se eles não estudaram, por que o filho tem de estudar? A falta de formação e informação faz proliferar a ignorância, embora a educação seja um direito de todos.

Se por um lado a educação para a maioria padece de atenção, de investimentos, por outro, há centros de referência, nas áreas urbanas, que serviriam de modelo para qualquer país de Primeiro Mundo. São ilhas de excelência que se constituem como escolas de altíssimo padrão, na maioria das vezes particulares e com um custo muito alto. Essas instituições conseguem remunerar e preparar muito bem os professores. Proporcionam aos seus profissionais uma formação continuada de qualidade, investem em tecnologia e em serviços que facultam momentos de convivência profunda entre os alunos. E a proposta pedagógica séria leva inevitavelmente a excelentes resultados.

Os problemas pelos quais passam os sistemas de ensino no país são grandes, mas há muitas possibilidades de se quebrarem paradigmas e de se construir um outro conceito de educação, de forma a assegurar, por meio de ações simples dos próprios profissionais da instituição, resultados concretos e positivos. São pequenos gestos que provocam mudanças, e a intervenção de cada um de nós, mesmo que numa tímida esfera de atuação, produz resultados alentadores, independente desta instituição estar localizada em um ambiente urbano ou rural.

CAPÍTULO 4. A INFLUÊNCIA DA AUTO - ESTIMA NA VIDA DO APRENDIZ

Muito se tem falado, principalmente nos dias de hoje sobre a importância da Auto-estima na vida de uma pessoa. Em uma sociedade em que muitos vivem sob o jugo do stress, onde a informação constante leva a uma vida corrida, em que pessoas não têm tempo para si mesmas, inúmeros estudos vêm sendo feitos sob essa perspectiva de melhoria de qualidade de vida, e a auto-estima é um dos pontos mais trabalhados em tais estudos.

Gostar de si mesmo, valorizar sua aparência física, trabalhar o seu intelecto, encontrar tempo para investir em si, em cuidar do corpo e da mente faz parte da tão falada auto-estima. Mas, esses pontos apresentam em muitos casos, dificuldades em serem trabalhados. As mulheres do século XXI vivem sob um dilema constante em relação ao seu físico. O padrão atual de beleza é completamente diferente da Renascença, em que as mulheres tinham mais curvas, eram mais gordinhas. O protótipo de beleza hoje é mostrado nas passarelas da moda, em que modelos esqueléticas exibem seus ossos aos olhos desejosos da platéia atenta. Milhares de imagens são incorporadas pelas mulheres através da mídia, que acabam por prejudicar a si mesmas ao se tornarem reféns do padrão de beleza da sociedade atual.

No sistema de ensino isso não é diferente. Meninas fazem da escola uma passarela na hora do recreio. Maquiagens são incorporadas aos objetos escolares, tais como caneta, lapiseira e borracha. Muitas passam fome para poderem se tornar como determinada modelo ou pessoa que está atualmente na mídia. Tornando o aprendizado cada vez mais dificultoso. Rapazes inescrupulosamente tomam anabolizantes e passam horas na academia, com pensamentos cada vez mais vagos em relação ao estudo e ao futuro.

Cuidar do corpo é bom, mas isso não pode prejudicar a pessoa como um todo. O intelecto passa a ser deixado de lado. Na escola, muitas vezes, ser inteligente é ser bobo. Tirar dúvidas em sala de aula é motivo de chacota por parte dos demais alunos. O ser humano habituou-se a simplesmente receber informações, nessa era da globalização. Pensar tornou-se privilégio de poucos.

Procurar o saber é um ato cada vez mais desvalorizado por parte de nossos sonolentos freqüentadores de salas de aula, acarretando assim, um ensino cada vez menos satisfatório.

4.1. A Relação Emocional Familiar e Suas Conseqüências

Segundo Daniel Goleman:

A vida familiar é nossa primeira escola de aprendizado emocional, nesse caldeirão íntimo que é o relacionamento entre os membros da família, aprendemos como nos sentir em relação a nós mesmos e como os outros vão reagir a nossos sentimentos; como pensar e que escolhas temos ao reagir; como ler e manifestar esperanças e temores. Esse aprendizado emocional atua não apenas por meio das coisas que os pais fazem e dizem diretamente às crianças, mas também nos modelos que oferecem para lidar com os próprios sentimentos e os que passam entre marido e mulher. Alguns pais são professores emocionais talentosos, outros atrezozes. (Goleman, 1995, p. 204)

Centenas de estudos mostram que a maneira de os pais tratarem os filhos – com rígida disciplina ou empática compreensão, indiferença ou simpatia, e assim por diante – tem conseqüências profundas e duradouras para a vida emocional da criança. A maneira como um casal lida com os sentimentos entre si – além do seu trato direto com a criança – passa poderosas lições a elas, que são aprendizes astutas, sintonizadas com os mais sutis intercâmbios emocionais na família.

Alguns pais são impositivos no seio familiar, depreciam a ação da criança diante de qualquer atividade que a mesma exerça desde que esta não seja condizente com a ação que os pais desejem que ela desempenhe. Os três estilos paternos emocionalmente ineptos, que levam à depreciação parental são:

- Ignorar inteiramente os sentimentos. Esses pais tratam a perturbação emocional do filho como triviais ou uma chateação, uma coisa que devem esperar passar. Não aproveitam os momentos emocionais como uma oportunidade de aproximar-se mais do filho ou ajudá-lo a aprender lições de competência emocional.

- Ser demasiado Laissez-faire. Esses pais notam como o filho se sente, mas afirmam que, de qualquer forma que ele lide com a tempestade emocional, está ótimo – até mesmo, digamos, batendo. Como os pais que ignoram os sentimentos das crianças, estes pais raramente intervêm para mostrar ao filho uma resposta emocional alternativa. Tentam aliviar todas as perturbações e, por exemplo, usam barganhas e subornos para fazer a criança deixar de ficar triste ou zangada.
- Mostrar desprezo, não respeitar a maneira como a criança se sente. Esses pais são tipicamente desaprovadores, severos nas críticas e nos castigos. Podem, por exemplo, proibir qualquer manifestação de raiva da criança, e apelar para os castigos ao menor sinal de irritabilidade. São os pais que berram irados com a criança que tenta dar a sua versão da história: “Não me responda!”

Finalmente há pais que aproveitam a oportunidade da perturbação do filho para agir como uma espécie de treinador ou mentor emocional. Levam os sentimentos dele bastante à sério para tentar entender exatamente o que o perturba e ajudá-lo a encontrar meios positivos de aliviar seus sentimentos.

Para serem treinadores eficientes assim, os pais devem ter eles próprios uma compreensão bastante boa dos rudimentos da emoção na vida dos filhos. Uma das lições básicas para uma criança, por exemplo, é como separar sentimentos; um pai demasiado dessintonizado, por sua própria tristeza, não pode ajudar o filho a compreender a diferença entre lamentar a perda, sentir-se triste num filme triste e a tristeza que resulta quando alguma coisa ruim acontece a alguém de quem a criança gosta. Além dessa distinção, há intuições mais sofisticadas, como a de que ira é muitas vezes provocada primeiro pelo fato de alguém se sentir magoado.

Muito se pode aprender sobre os efeitos para toda vida de pais emocionalmente ineptos – sobretudo seu papel no tornar crianças agressivas. Estudos comprovam que os pais mais rápidos em puxar brigas e que habitualmente usavam força para impor sua vontade eram os que mais probabilidade tinham de haver abandonado a escola e, aos trinta anos, ter uma folha de crimes violentos. Também pareciam estar passando adiante sua

tendência à violência: seus filhos, na escola primária, eram exatamente os encenqueiros que tinham sido os pais delinqüentes.

Há uma lição na forma como a agressividade é passada de geração a geração. Tirando-se quaisquer tendências herdadas, os encenqueiros quando adultos agiam de um modo que tornava a vida familiar uma escola de agressão. Como crianças, tiveram pais que os disciplinaram com arbitrária e implacável severidade; como pais repetiam o padrão. Isso se aplicava quer tivesse sido o pai ou a mãe o identificado na infância como altamente agressivo. Meninas agressivas se tornavam exatamente tão arbitrárias e altamente punidoras ao se tornarem mães quanto os meninos como pais. E, embora castigassem os filhos com especial severidade, fora isso pouco se interessavam pela vida deles, na verdade ignorando-os na maior parte do tempo. Simultaneamente, ofereciam a essas crianças um exemplo vívido e violento de agressividade, um modelo que os filhos levavam consigo para a escola e as brincadeiras, e seguiam a vida inteira. Os pais não eram necessariamente maus, nem deixavam de querer o melhor para os filhos, em vez disso, pareciam simplesmente repetir o estilo de paternidade e maternidade que seus próprios pais haviam modelado para eles.

Num tal modelo de violência , essas crianças eram caprichosamente disciplinadas: se os pais estavam de mau humor, elas recebiam castigos severos; se de bom humor, podiam ficar impunes em casa. Assim, o castigo vinha não tanto pelo que a criança tinha feito, mas pelo humor do pai ou da mãe. Eis aí uma receita para sentimentos de inutilidade e desamparo, e para o senso de que as ameaças estão em toda parte e podem se abater em qualquer momento. Vista à luz da vida doméstica que a gera, a atitude combativa e desafiadora dessas crianças diante do mundo ao largo faz um certo sentido, por mais infeliz que continue sendo. O que é desencorajador é como essas lições deprimentes são aprendidas cedo, e como são terríveis os custos para a vida emocional da criança.

Existem ainda as crianças que sofrem maus tratos e que tendem a tratar as outras da forma como foram tratadas. E a desumanidade dessas crianças maltratadas é simplesmente uma versão mais extremada vista em crianças cujos pais são críticos, ameaçadores e severos em seus castigos. Essas crianças

também tendem a não se preocupar quando os colegas se machucam ou choram. Parecem representar um extremo de uma progressão de frieza que culmina na brutalidade de crianças maltratadas. No caminho pela vida, como grupo, elas têm mais probabilidade de apresentar problemas cognitivos no aprendizado, ser mais agressivas e impopulares com os colegas, mais inclinadas à depressão, e, como adultos, a meter-se em encrencas com a lei e cometer mais crimes violentos.

Essa ausência de empatia repete-se às vezes, se não freqüentemente, nas gerações seguintes, com pais brutais tendo sido eles próprios brutalizados pelos pais na infância. É um dramático contraste com a empatia em geral apresentada por filhos de pais protetores, que encorajam os filhos pequenos a mostrar interesse pelos outros e compreender como a maldade faz as outras crianças se sentirem. Não tendo tais lições de empatia, essas crianças parecem não aprendê-la de modo algum.

O que talvez mais perturba nas crianças maltratadas é como parecem ter aprendido cedo a reagir como versões em miniatura de seus pais brutais. Mas em vista dos espancamentos que receberam às vezes como uma dieta diária, as lições emocionais são demasiado claras. Lembrem-se de que é nos momentos em que as paixões se exacerbam ou estamos em crise que as tendências primitivas dos centros límbicos do cérebro assumem papel mais dominante. Nesses momentos, os hábitos que o cérebro emocional aprendeu repetidas vezes irão dominar, para melhor ou pior.

Ver como o próprio cérebro é moldado pela brutalidade, pela força, sugere que a infância representa uma janela especial de oportunidade para lições emocionais. Essas crianças espancadas tiveram uma dieta inicial e constante trauma. Talvez o mais instrutivo paradigma para entender o aprendizado pelo qual passaram essas crianças maltratadas esteja em ver como o trauma pode deixar uma marca duradoura no cérebro e como mesmo essas marcas podem ser sanadas.

O grande pilar da educação é a habilidade emocional. Não é possível desenvolver a habilidade cognitiva e a social sem que a emoção seja trabalhada. Trabalhar emoção requer paciência; trata-se de um processo continuado porque as coisas não mudam de uma hora para outra. É diferente de uma simples

memorização, em que o aluno é obrigado a estudar determinado assunto para a prova, decorar conceitos, e o problema está resolvido. É diferente de um conceito em que o professor, detentor do saber, em sua bondade doa o conhecimento ao aluno, que decora esse conhecimento decidido pelo professor.

A emoção trabalha com a libertação da pessoa humana. A emoção é a busca do foco interior e exterior, de uma relação do ser humano com ele mesmo e com o outro, o que dá trabalho, demanda tempo e esforço, mas que significa o passaporte para a conquista da autonomia e da felicidade.

Há quem diga que a felicidade não existe, que há apenas momentos de felicidade. Há quem diga que a felicidade é relativa, depende do dia, do estado de espírito, do humor. Há coisas que nos fazem felizes em um dia e no outro já não mais satisfazem. É o ser humano volúvel que não se contenta com o que tem ou que nem sabe que tem ou o que é.

Há quem viva de passado e lamente o presente ter surgido, e ainda tema o futuro, e a vida se transforma em um caos sem espaço para a felicidade. Há quem acredite que felicidade se compra, como se compra os bens perecíveis. Sem determinado carro ou determinada casa, roupa ou sem dinheiro não é possível ser feliz. Há quem compare sua felicidade com a felicidade alheia, julgando o outro sempre mais feliz por ter mais dinheiro e, portanto, mais possibilidades de diversão, de lazer, de consumo, de ostentação.

Há quem viva a vida alheia, desde aquele que lê todas as colunas sociais esperando ser convidado para alguma festa até o que assiste a todas as novelas, vive por intermédio da vida dos outros e, como nunca conseguirá o mesmo corpo ou a mesma beleza, ou a mesma independência da atriz ou do ator da novela, não conseguirá ser feliz. Há quem propague que não gosta dos outros, que não confia em ninguém, que não quer ter amigos, que não acredita no ser humano.

Não parece fácil ser feliz ou mudar a vida sem cor vivida por pessoas que optam pela infelicidade. Obviamente não se trata de uma opção consciente, mas da consequência de uma vida não vivida, do desconhecimento da simplicidade da felicidade.

4.2. A Importância da Auto-Estima na Vida do Sujeito

A construção da Auto-estima é complexa, pois depende de muitos fatores. Dentre alguns fatores que influenciam o indivíduo na construção de sua auto-estima, consideramos três de maior relevância: a família, a escola e os companheiros. Nesse tripé o indivíduo recebe influência pelo processo de socialização.

É importante ressaltar que o processo de socialização nunca se dá por encerrado. As demandas próprias de cada ciclo vital e as respostas desenvolvimentais apresentadas pelo indivíduo demonstram, claramente, que a aquisição de comportamentos sociais envolve um processo de aprendizagem durante toda vida.

A perspectiva ecológica de desenvolvimento, enfatiza a sobreposição entre os diferentes sistemas de interação organismo-ambiente que influenciam sobre as características do indivíduo ao longo de sua vida. Os microssistemas (como família, escola, amigos próximos) representam os contextos mais básico e nuclear da interação organismo-ambiente, caracterizados por relações interpessoais, face a face, estáveis e significativas, afetividade e alteração gradual de poder.

Nesse aspecto, à medida que vai se desenvolvendo, mais e mais informações, a respeito de si mesma, vai recebendo a criança, inclusive de seu ambiente, do ambiente onde ela está inserida.

Nesse sentido, sabemos ser a família, em nossa sociedade, o ambiente fundamental tanto para o desenvolvimento afetivo do indivíduo quanto para o estabelecimento e aprendizagem do convívio social. E nesse ambiente também o indivíduo deveria ser preparado para atender às suas necessidades básicas, já que é atribuído à família o papel de socializá-lo e educá-lo.

Suponhamos que durante as fases de desenvolvimento, a criança não encontre condições físicas e ambientais para a sua sobrevivência psicológica, provavelmente ela reagirá de forma negativa aos estímulos ambientais comprometendo o seu equilíbrio psico-afetivo. Chegando à adolescência, fase em que emerge mais fortemente o sentido de identidade e individualidade, o

adolescente começa a perceber alguns traços de diferença entre o eu, a família e a sociedade.

Tendo em vista a estrutura física e psicológica do adolescente ainda em formação, deparando-se com as condições oferecidas pelo contexto histórico-social-cultural no qual está inserido, caso não tenha uma história de vida equilibrada em termos de atendimento das necessidades, inclusive afetivas, uma sólida convivência familiar, além de todo o aparato social no que diz respeito à valorização, segurança, respeito e incentivo à atitudes mais positivas, que conseqüências teriam a sua auto-estima e auto-imagem?

Embora existam explicações para os múltiplos fatores da baixa auto-estima, uma limitação relacionada e igualmente importante é a suposição da existência de um caminho para a baixa auto-estima.

As pesquisas de desenvolvimento revelam que a auto-estima é afetada por múltiplos fatores, como depreciação por parte de familiares e amigos, auto-conceitos negativos que o indivíduo faz de si mesmo etc. Isso pode prejudicar a criança de várias formas, pois leva-a a sentir-se incapaz de realizar algo, tornando-se um jovem sem muitas perspectivas, inseguro, frustrado, dependente, e em casos mais extremos, é algo que pode realmente levar ao desajuste emocional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se concluir com o estudo concebido que a auto-estima é de suma importância para a vida da criança e do adolescente. Um lar saudável traz muitos benefícios para a construção de uma auto-imagem positiva. Todo e qualquer ser humano tem a necessidade de sentir-se amado, apoiado nas horas difíceis e estimulado a corrigir suas falhas.

Geralmente o fracasso escolar produz uma auto-imagem negativa na criança. A valorização do educando deve ser motivo de preocupação de todos aqueles que estão envolvidos no processo educacional, como pais e professores. Pois a forma como a criança se vê, interfere decisivamente no sucesso da aprendizagem.

Com a finalidade de ajudar a criança a desenvolver a sua auto-estima, devem-se identificar as áreas de interesse e estimulá-las. Observar as habilidades das crianças e elogiá-las é um papel que cumpre aos pais e professores e resulta em excelentes resultados. Críticas constantes em relação às limitações dos educandos podem trazer prejuízos por toda sua vida.

A família deve ter uma participação direta na educação das crianças, pois não se espera que o professor resolva sozinho todas as dificuldades pedagógicas e emocionais da mesma. O trabalho conjunto entre pais e professores trará ao aluno a sensação e a certeza de que conseguirá superar obstáculos, já que está sendo apoiado por pessoas nas quais ele confia e que, em contrapartida, confiam nele.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *História da Educação*. SP: Moderna, 1996.

ARCOVERDE, Ana Cristina Brito. *Mediação de Conflitos e Família*. UFPE, 2002.

BEE, Helen. *A Criança em Desenvolvimento*. ARTMED, 2003.

CHALITA, Gabriel. *Educação – A Solução está no Afeto*. Gente, 2001.

FONSECA, Vitor. *Dificuldades de Aprendizagem*. Artes Médicas, 1999.

GOLEMAN, Daniel. *Inteligência Emocional*. Objetiva, 1995.

MINUCHIN, Salvador. *Famílias- Funcionamento e Tratamento*. Artes Médicas, 1982.

MORAIS, Antônio Manuel Pamplona. *Distúrbios de Aprendizagem – Uma Abordagem Psicopedagógica*. EDICON, 2006.

SISTO, Firmino Fernandes. *Dificuldades de Aprendizagem no Contexto Psicopedagógico*. Vozes, 2001.